



**FORMANDO JOGADORES DE FUTEBOL: O IMPACTO DO TEMPO DE TREINAMENTO NA
FORMAÇÃO ESCOLAR DE JOVENS ESPANHÓIS E BRASILEIROS**

Tiago Lisboa Bartholo
José Maria Yagüe Cabezón
Leonardo Bernardes Silva de Melo
Antonio Jorge Gonçalves Soares

RESUMO

O estudo objetiva comparar e analisar o tempo de treinamento no futebol e a rotina escolar diária de jovens espanhóis e brasileiros. Trabalhamos com a hipótese que o tempo dedicado aos treinamentos pode concorrer com as demandas do processo de escolarização. Realizamos um survey em ambos os países com jovens de idade entre 14 e 20 anos, que competem na primeira divisão de suas respectivas categorias. Os dados da pesquisa sugerem que em ambos os países o futebol não é um empecilho para a permanência na escola. A carga de trabalho média (treinamentos, jogos, deslocamentos e escola) dos atletas da cidade do Rio de Janeiro (Brasil) é superior (18%) a observada nos atletas de Castilla y León (Espanha). Nos clubes espanhóis, a carga horária semanal destinada aos treinamentos no futebol corresponde a 27% do tempo de atividades do jovem; no Brasil temos 52% do tempo destinados aos treinamentos e jogos. Os dados sugerem uma inversão de prioridades, pelo menos do ponto de vista do investimento de tempo, quando comparamos os dois contextos.

Palavras Chave: Futebol; Escola; Formação Profissional no Esporte; Jovens

**DEVELOPING SOCCER PLAYERS: IMPACT OF THE TRAINING IN THE SCHOOL ROUTINE OF
SPANISH AND BRAZILIAN YOUNG PLAYERS**

ABSTRACT

The study compares and analyzes the time of training in the soccer and the school routine of Spanish and Brazilian young players. The study begins with the hypothesis that the time dedicated to the trainings can compete with the demands of the education process. We did a survey in both countries with the players of age among 14 to 20 years, that compete in the first division of their respective age categories. The analyses suggest that, in both countries, soccer is not a obstacle for the permanence in school. The average load of work (trainings, games, displacements and school) of the athletes of the city of Rio de Janeiro (Brazil) it is superior (18%) than the one observed among the athletes of Castilla y León (Spain). In the Spanish clubs, the weekly workload destined to the trainings in the soccer corresponds to 27% of the time of the youth's activities; as in Brazil, we have 52% of the time destined to the trainings and games. The analysis suggests an inversion of priorities, at least of the point of view of the investment of time, when we compare the two contexts.



Key Words: Soccer, School; Professional Formation in Sports; Youth.

FORMANDO JUGADORES DE FÚTBOL: LO IMPACTO DEL TIEMPO DE ENTRENAMIENTO EN LA RUTINA ESCOLAR DE JÓVENES ESPAÑOLES Y BRASILEÑOS

RESUMÉN

El objetivo del artículo es comparar y analizar el tiempo de entrenamiento en el fútbol y la rutina escolar de jóvenes españoles y brasileños. Trabajamos la hipótesis que el tiempo dedicado a los entrenamientos puede competir con las demandas del proceso de escolarización. Realizamos un survey en ambos países con los jugadores de edad entre 14 a 20 años, que compiten en la primera división de sus respectivas categorías. Los análisis sugieren que, en ambos países, el fútbol no es un obstáculo para la permanencia en la escuela. La media de carga de trabajo (los entrenamientos, juegos, desplazamientos y escuela) de los atletas de la ciudad de Río de Janeiro (Brasil) es superior (18%) que el observado entre los atletas de Castilla y León (España). En los clubes españoles, el trabajo semanal destinado a los entrenamientos en el fútbol corresponde a 27% del tiempo de las actividades de los jóvenes; en Brasil, los datos indican 52% del tiempo destinados a los entrenamientos y juegos. Los análisis sugieren una inversión de prioridades, por lo menos del punto de vista de lo investimento de tiempo, cuando comparamos los dos contextos.

Palabras Clave: Fútbol; Escuela; Formación Profesional en Deportes; Juventud.

Introdução

Os processos de seleção e treinamento de jovens talentos para o futebol indicam que o mercado desse esporte tem como suporte um novo tipo de agência de formação profissional que se expandiu e se diversificou pelos países congregados pela FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*). No Brasil, os estudos sugerem que os jovens investem um tempo significativo de suas vidas nos centros de treinamento e possuem como horizonte um mercado altamente competitivo, com poucos postos de trabalho valorizados economicamente (SOUZA et al, 2009).

A formação no futebol pode se iniciar a partir dos 12 anos de idade, muitas das vezes em regime de albergamento, e tem uma duração ao longo de 10 anos de aproximadamente 5.000 horas de trabalho voltado para o domínio de técnicas corporais e psicológicas para a prática esportiva (DAMO, 2007). No Brasil, os clubes podem adotar diferentes políticas sobre o tempo de dedicação ao esporte e as formas de frequência à escola pelos jovens futebolistas em função de não existir nenhuma legislação específica para formação de atletas. Embora exista, em alguns estados da federação, um movimento no parlamento para regular a responsabilidade dos clubes em relação à escolarização dos atletas, podemos dizer que esse problema ainda não entrou na agenda política do país. Segundo a Constituição Federal de 1988, a responsabilidade da escolarização de jovens dos 6 aos 14 anos é da família. Todavia, as exigências da carreira do jovem aprendiz de futebol demandam que adaptações no processo de escolarização dos atletas sejam administradas de diferentes maneiras pelas famílias, gestores dos clubes e empresários (SOARES et al, 2009). A política dos clubes pode variar desde o oferecimento de escola no interior de suas



instalações – raros são esses casos – ou de vagas na rede escolar privada ou pública, até o total descompromisso com a educação básica desses atletas.

Damo (2007) destacou os problemas da compatibilidade entre a escolarização e a formação do jogador no Brasil. Além disso, o autor também apontou que os centros de formação de atletas de futebol no Brasil, apesar dos limites legais, são totalmente livres na gestão de sua política pedagógica de formação de atletas – cargas de treinamento, qualificação dos profissionais que trabalham diretamente com os jovens e adequação da infra-estrutura – e de escolarização. O jovem, ao fim do processo de formação, pode entrar no mercado formal de trabalho com uma formação de baixa qualidade, dependendo do tipo de compatibilização do trabalho corporal com a escola.

Em outros países o cenário apresenta algumas diferenças importantes. Na Inglaterra existem programas que normatizam para os jovens futebolistas, por exemplo, o tempo máximo de deslocamento para os treinamentos nas diferentes categorias (BENT et al Apud CARVALHO, 2002). Na França há estratégias específicas para: 1) o reforço na escolarização dos estudantes-atletas; 2) a carga de treinamentos semanais; 3) a carga horária semanal dos estudos formais e; 4) o calendário das competições esportivas (DAMO, 2005).

Apesar dos problemas levantados, devemos reconhecer que o discurso que sustenta a formação de jogadores é duplamente potente na sociedade brasileira. O esporte é representado como uma instituição educativa, associada à saúde e a qualidade de vida, e serve como uma saudável opção aos perigos do mundo da rua e/ou das drogas. Assim, parte dos clubes pode oferecer aos atletas condições de moradia e acesso a bens culturais que, em geral, não estariam disponíveis para famílias de baixo poder econômico – computador, viagens para outros estados e idas frequentes aos *shoppings* etc.

Diferentes países formam jovens para atuar no futebol e adotam diferentes estratégias de treinamento e conciliação com a escolarização básica. O estudo objetiva comparar e analisar o tempo de treinamento no futebol e a rotina escolar diária de jovens espanhóis e brasileiros. Trabalhamos com a hipótese que o tempo dedicado aos treinamentos pode concorrer com as demandas do processo de escolarização.

A comparação entre Brasil e Espanha parece produtiva para observarmos diferentes estratégias de formação de atletas em conciliação com a escola básica. A Espanha faz parte do centro do mercado futebolístico da Europa, atrai jogadores de outros mercados e a formação de jogadores no país alimenta basicamente o mercado interno. No ano de 2007, a Espanha exportou 22 jogadores – desses 45% para a Inglaterra. O Brasil é o centro do mercado sul-americano – com menor poder econômico que o mercado europeu – e forma jogadores para atuar no mercado interno e externo.¹ Os números indicam que o Brasil se notabilizou na última década por ser um centro exportador no mercado globalizado do futebol profissional. No ano de 2006 exportou 848 jogadores, totalizando 507 transferências apenas para o continente europeu. A Espanha, por sua vez, forma jogadores para atuar principalmente no mercado interno e importa jovens talentos para atuarem pelos clubes de maior prestígio no país.

¹ Nesse mercado global temos um modelo que possui um núcleo composto por outras camadas externas. No centro do mercado temos os países europeus – principalmente Itália, Inglaterra, França, Espanha e Portugal – que são o grande destino dos trabalhadores migrantes do futebol. Ao redor desse núcleo temos respectivamente as Américas do Sul e Central, seguidas do continente africano e fechando o círculo a Oceania, Ásia e América do Norte. Este modelo está baseado no poder econômico dos clubes, que contratam os atletas e no sucesso doméstico das ligas de futebol (DABSCHECK, 2006; MAGEE; SUDGEN, 2002)



Métodos e instrumentos:

O estudo teve uma abordagem quantitativa. Realizamos um *survey* no sentido de compreender como os jovens conciliam a formação no futebol com a escolarização em ambos os países. Na Espanha, os dados foram coletados nos meses de janeiro e fevereiro de 2009 em três clubes espanhóis, a saber, La Cultural Leonesa, Real Valladolid e Numancia. As categorias investigadas *Cadetes* (14, 15 e 16 anos) e *Juvenis* (16, 17, 18 e 19 anos) competiam na *división de honor* – primeira divisão – do país.² A população investigada de estudantes-atletas na Espanha foi de 73 Cadetes e 79 Juvenis totalizando uma amostra de 152 respondentes. No Brasil, os dados foram coletados ao longo do ano de 2009 em 19 clubes da cidade do Rio de Janeiro, que disputam campeonatos na primeira divisão das respectivas categorias de base. A população do estudo é finita e foi estimada segundo dados da FERJ (Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro). Para calcular o tamanho da amostra foi considerado um nível de significância de 0,05 e um poder de teste de 0,8. Trabalharemos apenas com os dados das categorias Sub-15 – 113 atletas, Sub-17 – 119 atletas e Sub-20 – 109 atletas.³

Os dados foram coletados com prévio consentimento dos jovens e dos clubes em horário que não atrapalhasse os treinamentos ou outras atividades do dia dos respondentes. Utilizamos o mesmo modelo de formulário com os atletas investigados nos respectivos países, a diferença principal se deu em relação à forma de aplicação. Na Espanha, o formulário foi preenchido de forma auto-administradas pelos atletas que contaram com a presença dos pesquisadores para dirimir os casos de dúvida. No Brasil, o formulário foi utilizado em forma de entrevista no qual os pesquisadores registraram as respostas obtidas.⁴ Carregamos os dados obtidos no SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences* – com a finalidade de obtermos os percentuais das diferentes questões respondidas.

As categorias de análise que orientaram a construção do questionário são as seguintes: a) formação profissional: idade de início; rotina de treinamentos vivida nas categorias de base; b) escolarização: local; tipo de escola; turno de aulas; horário destinado aos estudos; compatibilidade entre treinos, competições, lazer, escola; anos de escolarização; cursos paralelos; apoio e bolsas recebidas para o estudo; c) história familiar: profissão e escolaridade dos pais, tipo de moradia, etnia a partir da autodeclaração; d) rotina da vida atual: no trabalho de aprendiz no esporte, no lazer, na vida social e nas outras atividades de formação ou lazer que realiza atualmente; e) hábitos culturais: cinema, televisão, leitura (livros, jornais e revistas), espetáculos, viagens e outros. Nesse artigo, selecionamos principalmente os dados referentes aos tempos de treinamentos dos atletas e tempo de permanência na escola.

Tempo de Treinamento por categoria no futebol

A pesquisa sobre o impacto do processo de treinamento no futebol na rotina diária de jovens partiu da hipótese que a formação esportiva no futebol poderia criar dificuldades ou impactos negativos

² A população estudada na Espanha está restrita a uma região ao norte do país conhecida como *Castilla y León*. A coleta de dados só foi possível nesses clubes por contatos estabelecidos entre os pesquisadores e os treinadores das respectivas equipes. As análises realizadas nesse artigo não são representativas de todo o território espanhol.

³ Os dados apresentados sobre os clubes do Rio de Janeiro não são representativos de todo o território brasileiro.

⁴ A diferença na técnica de aplicação ocorreu devido ao número de pesquisadores disponíveis para a coleta de dados. Na Espanha contávamos com apenas um pesquisador, o que dificultava o processo de entrevistas individualizadas. No Rio de Janeiro tínhamos cinco pesquisadores coletando dados simultaneamente o que agilizava o processo de coleta e permitiu a realização do processo de entrevistas individuais. Cabe ressaltar que na Espanha o pesquisador sempre esteve presente no momento da aplicação do questionário para responder eventuais dúvidas dos respondentes.

sobre a vida escolar do atleta. Entendemos que a administração do tempo na vida dos indivíduos é um forte indicador das suas escolhas e prioridades. Todavia, os dados da pesquisa sugerem que em ambos os países o futebol não é um empecilho para a permanência na escola. A totalidade (100%) dos jovens espanhóis entrevistados com idades entre 15 e 17 estava matriculada na escola; no Brasil, 96,9% estudavam. Apesar de o dado apontar que 3,1% dos estudantes-atletas do Rio de Janeiro estão fora da escola, não podemos destacar a formação no futebol como a causa desse abandono, pois os dados gerais sobre os estudantes no Rio de Janeiro apontam uma taxa de evasão maior que a obtida com os atletas-estudantes.

Na tabela 1 estão descritos os tempos médios de treinamento por categoria nos três clubes espanhóis analisados. A média de treinamento da categoria Cadete (14 até 16 anos) foi de seis horas e meia de carga semanal, com três sessões na semana. Na categoria Juvenil há o acréscimo de um dia de treinamento – total 4 dias – somando oito horas de treinamento semanal.

Clube/Categoria	Carga Horária Semanal de Treinamento
Sub- 16 – La Cultural	05:30 – três sessões por semana
Sub- 19 – La Cultural	08:00 – quatro sessões por semana
Sub- 16 – Real Valladolid	08:00 – quatro sessões por semana
Sub- 19 – Real Valladolid	08:00 – quatro sessões por semana
Sub- 16 – Numancia	06:00 – três sessões por semana
Sub- 19 – Numancia	08:00 – quatro sessões por semana

Tabela 1: Tempo semanal de treinamento por clube e categoria – Espanha

Temos que ter em mente que há ainda uma manhã ou uma tarde na semana destinada aos jogos dos campeonatos, que ocorrem invariavelmente nos finais de semana. Se somarmos esse tempo – média de 4 horas semanais – ao tempo gasto para o futebol (treinamento + jogos) teremos os seguintes dados.

Clube/Categoria	Carga Horária Semanal de Treinamento + Jogos Semanais
Sub- 16 – La Cultural	09:30 – quatro sessões por semana
Sub- 19 – La Cultural	12:00 – cinco sessões por semana
Sub- 16 – Real Valladolid	12:00 – cinco sessões por semana
Sub- 19 – Real Valladolid	12:00 – cinco sessões por semana
Sub- 16 – Numancia	10:00 – quatro sessões por semana
Numancia – Sub- 19	12:00 – cinco sessões por semana

Tabela 2: Tempo semanal de treinamento e jogos por clube e categoria – Castilla y León (Espanha)

Com exceção do clube *Real Valladolid*, podemos observar um aumento gradual no tempo de treinamento e nas sessões semanais de treinamento quando comparamos as duas categorias analisadas. Em outras palavras, quanto maior a faixa etária maior a carga de treinamento e a demanda de tempo dos jovens envolvidos no processo de profissionalização no futebol. Em relação ao horário dos treinamentos,



os questionários revelaram que todos os clubes realizam as sessões não antes de 17:00, destinando claramente o período da manhã como horário para atividades escolares.⁵

Os dados coletados nos clubes da cidade do Rio de Janeiro descrevem um quadro distinto do observado nos clubes da região de *Castilla y León*, Espanha. O primeiro ponto contrastante é o número de sessões semanais observadas nas categorias Sub-15, Sub-17 e Sub-20, todas com cinco sessões semanais de treinamento.⁶ Se somarmos o tempo destinado aos jogos, que são estimados em 4 horas semanais, todas as três categorias exigem dedicação de seis dias na semana para as atividades ligadas ao futebol. Isso explica parte da discrepância da carga horária de trabalho corporal quando comparamos os dois países.

Variável	Tempo de Treinamento por Semana
Sub-15 – Rio de Janeiro	14:10
Sub-17 – Rio de Janeiro	15:01
Sub-20 – Rio de Janeiro	14:07
Sub-16 – Castilla y León (Espanha)	06:30
Sub-19 – Castilla y León (Espanha)	08:00

Tabela 3: Tempo semanal de treinamento por categoria e região

A diferença, portanto, não ocorre apenas na quantidade de horas dedicadas a um treinamento e sim na frequência que eles ocorrem ao longo da semana. Os dados mostram que, no Brasil, jovens com 13 anos dedicam 6 dias da semana a treinamentos e jogos de futebol; na Espanha jovens da mesma idade dedicam 4 dias da semana para as mesmas atividades. A tabela 3 permite uma comparação dos dados apresentados até o momento. É forçoso destacar que no Brasil, na categoria sub-20 (com a maioria dos atletas com 18, 19 e 20 anos), ocorrem ocasionalmente treinamentos em jornada dupla, ou seja, no mesmo dia sessões pela parte da manhã e tarde.

Os dados indicam diferenças importantes nas cinco categorias destacadas no quadro. A carga de trabalho corporal nos clubes de futebol é significativamente diferente nas duas regiões investigadas. A carga horária média semanal de treinamentos das respectivas categorias nos clubes da cidade do Rio de Janeiro foi de 14 horas e 10 minutos ou 850 minutos – sem contar o tempo destinado aos jogos dos campeonatos. Na Espanha, os dados indicam 435 minutos semanais ou 7 horas e 15 minutos. Os dados indicam que em média o trabalho corporal dos jovens submetidos ao processo de formação profissional no futebol nos clubes do Rio de Janeiro é 97% maior que jovens da mesma idade da região de *Castilla y León*, na Espanha. Cabe ressaltar que, apesar das diferenças de carga horária descritas, estamos comparando a rotina de treinamentos de jovens da mesma idade, que competem em clubes pertencem à primeira divisão de seus respectivos países.

Os três clubes analisados na Espanha apresentaram dinâmica semelhante na distribuição da carga horária por categoria. Há um aumento médio de 33% na carga de trabalho corporal na mudança da categoria Cadete para Juvenil.⁷ Essa mudança se dá fundamentalmente pelo acréscimo de um dia na

⁵ Alguns questionários evidenciaram a presença de ensino integral – manhã e tarde – nas escolas frequentadas pelos atletas espanhóis, porém em um número pequeno (3%).

⁶ No Brasil, o questionário foi aplicado nas categorias Sub-13, Sub-15, Sub-17 e Sub-20. Em todas as categorias o treinamento era diário.

⁷ A exceção observada foi o clube *Real Valladolid*.



rotina semanal de treinamentos.⁸ Os dados sugerem que no Brasil, os jovens e suas famílias devem precocemente fazer uma aposta no processo de profissionalização no futebol, destinando um maior volume de tempo e recursos econômicos, desde o início do processo. Na Espanha, a dinâmica parece ser um pouco distinta, com um aumento gradual das exigências impostas pelas rotinas de treinamento e competições.

Tempo de Permanência na escola

O tempo diário de permanência na escola dos jovens espanhóis, separado por clubes e as diferentes categorias, está descrito na Tabela 4. Esses são relevantes para compararmos inicialmente a carga de trabalho escolar em diferentes faixas etárias. A média geral de tempo diário de permanência na escola foi de 5 horas e 59 minutos. Esse dado indica uma carga semanal de 29 horas e 55 minutos de permanência na escola.

Clubes Espanhóis/ Categoria	Tempo diário de permanência na escola
La Cultural – Cadetes	6:08
La Cultural – Juvenil	5:59
Real Valladolid – Cadetes	5:55
Real Valladolid – Juvenil	5:57
Numancia – Cadetes	6:02
Numancia – Juvenil	5:56

Tabela 4: Tempo semanal de permanência na escola por categoria e região

A carga horária diária na escola não difere muito entre os diferentes clubes e nem entre as categorias – faixas etárias – analisadas. O estudo indica que na Espanha a carga semanal média de permanência na escola é de 29 horas e 55 minutos, enquanto no futebol a média é de 11 horas e 10 minutos já somados os tempos destinados aos jogos. Os dados mostram que na Espanha, o investimento de tempo do jovem na escola é quase três vezes maior que o tempo destinado aos treinamentos no futebol.

Ao compararmos os dados coletados no Rio de Janeiro sobre permanência na escola e tempo de treinamento no futebol observamos uma diferença do quadro descrito nos clubes espanhóis.

Clubes Cariocas/ Categorias	Tempo diário de Permanência na escola
Sub-15 – Rio de Janeiro	4:15
Sub-17 – Rio de Janeiro	4:08
Sub-20 – Rio de Janeiro	3:42

Tabela 5: Tempo semanal de permanência na escola por categoria dos clubes do Rio de Janeiro

Os dados mostram que no Brasil o tempo semanal médio destinado à escola entre as três categorias analisadas é de 20 horas e 8 minutos, enquanto no futebol é de 18 horas e 26 minutos, já somado o tempo destinado aos jogos semanais dos campeonatos. Enquanto na Espanha a carga escolar é quase três vezes maior que a destinada aos treinamentos no futebol, no Brasil a escola tem uma carga de trabalho muito próxima a apresentada no futebol. Há, portanto, uma inversão no quadro entre os dois

⁸ Ver dados da tabela 1.



países, ou seja, no Brasil os estudantes atletas apresentam uma carga horária na escola menor quando comparada com a Espanha e carga maior treinamento. Os dados sugerem uma inversão nas prioridades dos grupos analisados quando observamos os investimentos na escola e no futebol.

Para além do tempo semanal dedicado a escola era relevante compreender em qual turno as atividades escolares ocorriam. Na Espanha, a totalidade dos alunos estudava pela manhã, as exceções foram alguns poucos alunos (3%) que relataram a presença de ensino integral – manhã e tarde – nas escolas. Nos estudantes atletas dos clubes do Rio de Janeiro o quadro é mais diverso e apresenta padrões de mudança.

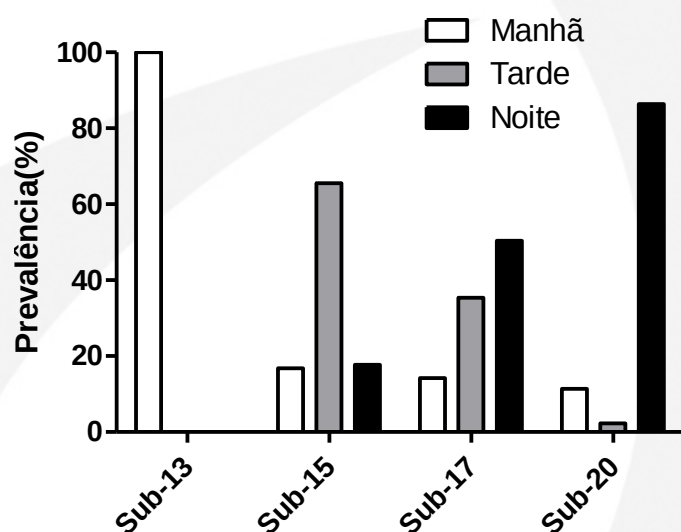


Figura 1: Distribuição dos atletas do Rio de Janeiro por turno escolar.

A Figura 1 demonstra a inversão do turno escolar entre as quatro categorias analisadas. Nas categorias sub-13 e sub-15, correspondente ao segundo segmento do ensino fundamental, a grande maioria dos entrevistados estuda pela manhã ou tarde. Na categoria sub-17, que corresponde ao segundo e terceiro anos do ensino médio, mais da metade dos entrevistados se concentra no ensino noturno. O quadro se torna complexo quando observamos que os estudantes-atletas com 17 anos possuem em média $11,3 \pm 0,9$ (IC95% 11,0 - 11,5) anos de escolaridade, superior aos 8,1 anos⁹ da população geral da mesma idade e do mesmo estado (IBGE, 2009). Esse pode ser um indício que a concentração de atletas no ensino noturno não está diretamente relacionada aos históricos de atraso ou defasagem escolar. Os dados sugerem que os treinamentos e a dedicação a carreira do futebol pode interferir na escolha do turno escolar dos atletas. A formação do atleta de futebol exige disponibilidade e prioridade no processo de formação em relação às outras atividades da vida desses jovens; nesse caso, a prioridade passa a ser o treinamento – que pode ocorrer pela manhã, tarde ou em dois períodos – relegando um horário “alternativo” a escola – no caso analisado o ensino noturno. Os efeitos dessa inversão de prioridade na

⁹ Cálculo feito com base nos dados do IBGE. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida do brasileiro, 2009.



organização do tempo diário dos jovens, observada principalmente nas categorias sub-17 e sub-20, deve ser analisada em estudos futuros.

No Brasil, o ensino noturno apresenta-se como uma opção tanto para os atletas investigados quanto para os jovens trabalhadores em geral. O problema é que o ensino noturno no Brasil, para além de todos os problemas de infraestrutura e de recursos humanos, possui um currículo que não leva em conta as peculiaridades do estudante trabalhador (CORROCHANO; NAKANO, 2002; ALVES, 2009).

Em termos comparativos, nosso estudo possui semelhanças com os argumentos de McGillivray e McIntosh (2006) quando apontam que os jovens jogadores de futebol escoceses são recrutados na idade mais vulnerável para um esporte que desvaloriza o capital cultural de ensino. Os autores assinalam que no mundo do futebol existe uma dicotomia entre o capital físico e cultural, no qual o primeiro é incentivado em detrimento do segundo. Os resultados de McGillivray e McIntosh (2006) sugerem que os atletas ficam, nessa fase da vida, em dúvida sobre as suas prioridades. Nossos dados não permitem realizar uma afirmação tão enfática quanto à supracitada, todavia, eles podem insinuar que o tempo destinado aos treinamentos no futebol exerce influência nas opções de dedicação à escola e a escolha do turno escolar.

Tempo de deslocamento para a escola e os treinamentos

Na Tabela 6 são apresentados os tempos médios de deslocamento para os treinamentos e para a escola dos estudantes-atletas dos três clubes espanhóis. Devemos atentar para o fato de que o tempo gasto nos deslocamentos é também tempo envolvido no processo de formação. Para fazer a contagem dos deslocamentos para os treinamentos retiramos 25 atletas (16% do total da amostra) que moravam em alojamentos nos próprios locais de treinamento e, por essa razão, não precisam se deslocar para essa atividade.

Clubes/ Categorias	Deslocamento Escola	Deslocamento Treino
Sub- 16 – La Cultural	00:21	00:28
Sub- 19 – La Cultural	00:30	00:36
Sub- 16 – Real Valladolid	00:29	00:41
Sub- 19 – Real Valladolid	00:32	00:28
Sub- 16 – Numancia	00:21	00:33
Sub- 19 – Numancia	00:22	00:36

Tabela 6 – Tempo diário de deslocamento para escola e treinamento por clube e categoria – Castilla Y León, Espanha.

Podemos observar que os deslocamentos para os centros de treinamento e para as escolas não variam muito. O tempo curto de deslocamento, aliado ao fato que os estudantes-atletas espanhóis estudam pela manhã e treinam não antes das 17:30, permite que a grande maioria dos jovens retorne da escola – parte da manhã – para casa e tenham um período de tempo livre na parte da tarde – entre a escola e os treinamentos. Isso criava a seguinte rotina de deslocamento para os jovens envolvidos no processo de treinamento na Espanha: 1) casa- escola; 2) escola-casa; 3) casa-treino; 4) treino-casa. Todos relataram que voltavam da escola para a casa e tinham uma “janela” de tempo livre, que podia variar de duas horas até cinco horas, dependendo do horário de saída da escola e do início dos treinamentos no clube.¹⁰

¹⁰ Em entrevistas realizadas com atletas espanhóis observamos que esse tempo livre na parte da tarde era utilizado de diferentes formas: tempo para o lazer, estudos, trabalhos domésticos e etc.



Os dados coletados na cidade do Rio de Janeiro com estudantes-atletas da mesma faixa etária explicitam uma dinâmica de organização do dia dos jovens distinta. Em geral, os jovens passavam o dia inteiro na rua, sem tempo livre entre as atividades escolares e os treinamentos.

Clubes/ Categorias	Deslocamento Escola	Deslocamento Treino
Sub-15 – Rio de Janeiro	00:34	01:15
Sub-17– Rio de Janeiro	00:39	01:26
Sub-20– Rio de Janeiro	00:43	01:39

Tabela 7 – Tempo diário de deslocamento para escola e treinamento por categoria – Rio de Janeiro.

Os tempos médios de deslocamento dos jovens cariocas são maiores do que o descrito na Tabela 6 (Espanha). Observemos que os deslocamentos para os treinamentos são bem mais elevados dos que os observados no deslocamento para os estudos formais. Se analisarmos conjuntamente os dados de deslocamento por categoria, somando as médias de tempo gasto nos trajetos para a escola e para os treinamentos, veremos que, na cidade do Rio de Janeiro, o tempo de deslocamento é menor para a sub-15, quando comparada com as categorias subseqüentes. Isso sugere que nessa fase da carreira, o atleta ainda treina nos clubes próximos de sua residência. Em contrapartida, os atletas do sub-17 e sub-20 precisam buscar oportunidades de inserção nos clubes, muitas vezes longe de suas residências.

Em um dos poucos estudos voltados para esse tema, Carvalho (2002) observou em atletas das categorias de base da cidade do Porto, Portugal, um tempo de deslocamento menor em relação aos encontrados no Rio de Janeiro. Enquanto os atletas da cidade do Porto apresentaram uma média diária de deslocamento de 59 minutos, os atletas do Rio de Janeiro gastavam 1 hora 58 minutos, um tempo duas vezes maior. Apesar da diferença explicitada, Carvalho (2002) considera que para a cidade do Porto esse tempo gasto é demasiado e prejudica a rotina da vida dos jovens atletas. Lembremos que estamos diante de cidades com densidades populacionais e sistemas de transportes bem diferentes.

Na primeira divisão de futebol inglês, o regulamento da entidade esportiva impõe aos clubes que formam jogadores um limite de tempo para o deslocamento dos seus atletas. Para os jovens até a categoria sub-13, é permitido no máximo 1 hora de viagem, e para as categorias acima o tempo máximo para o deslocamento é de 1 hora e 30 minutos (BENT et al, 2001). Os tempos gastos com deslocamento no Rio de Janeiro podem não diferir dos jovens atletas ingleses, a diferença está no fato que as instituições esportivas inglesas se preocupam com o tempo demandado com o esporte e seus deslocamentos. No Brasil, esse não é um tipo de preocupação da agenda dos clubes, dos dirigentes esportivos ou das políticas para formação esportiva.

O tempo total dedicado à escola e o futebol

Os dados apresentados até o momento sobre o tempo de treinamento semanal, o tempo na escola e os deslocamentos para as respectivas atividades apresentam uma descrição das horas destinadas para todas as atividades bem distintas em ambas as regiões – Rio de Janeiro (Brasil) e Castilla y León (Espanha). As Figuras 2, 3 e 4 destacam as diferenças de carga horária semanal destinada para o futebol (já somados os jogos semanais e deslocamentos) e para a escola (somados os deslocamentos) entre as regiões analisadas.



IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

**Tempo Médio Semanal Rio de Janeiro
 - Total 48 horas e 56 minutos**

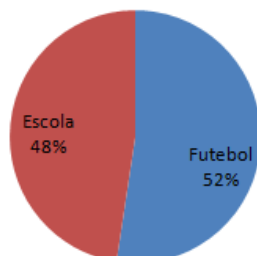


Figura 2: Tempo Semanal de Atividades no Futebol e na Escola – Rio de Janeiro.

**Tempo Médio Semanal Castilla y León
 - Total 41 horas e 10 minutos**

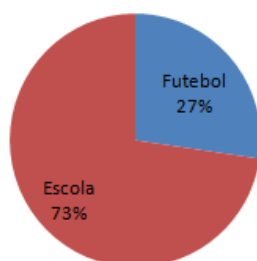


Figura 3: Tempo Semanal de Atividades no Futebol e na Escola – Castilla y León.

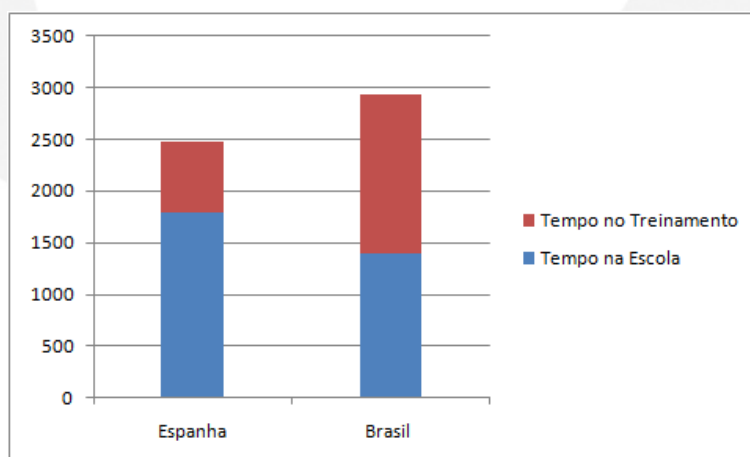


Figura 4: Tempo semanal em minutos do tempo na escola e nos treinamentos.



Os estudantes-atletas dos clubes da cidade do Rio de Janeiro têm uma carga de atividades – escola, treinamentos e deslocamentos somados – 18% maior que seus colegas da região de Castilla y León. Além da carga horária mais intensa observamos uma diferença significativa na distribuição dessa carga horária pelas duas atividades centrais analisadas no estudo, a saber, o tempo destinado a escola e o tempo do treinamento no futebol. Nos clubes espanhóis, a carga horária semanal destinada ao futebol corresponde a 27% do tempo de atividades do jovem, quanto no Brasil temos 52% do tempo destinada aos treinamentos e jogos.

Conclusão

No Brasil, os estudos sobre a relação entre o processo de formação de atletas e a formação na escola básica são pouco numerosos. De fato, não há qualquer regulação do Estado sobre os limites de carga horária dos treinamentos e sobre estratégias de reforço na escolarização dos estudantes-atletas. Um problema inicial é exatamente a falta de dados sistemáticos que descrevam a rotina dos jovens e as cargas médias que os jovens atletas são submetidos nas diferentes modalidades esportivas. No caso do futebol, a comparação com outros países pode ajudar a compreender as especificidades da formação de futebolistas no Brasil e explicitar outros modelos de formação, que podem servir futuramente para a formulação de políticas públicas que atendam as demandas de conciliação entre formação esportiva e escola dos estudantes-atletas.

Os dados apresentados entre jovens da região de Castilla y León, Espanha, e da cidade do Rio de Janeiro, Brasil, sugerem uma inversão nas prioridades no investimento de tempo na escola e no futebol dos grupos observados. Os jovens brasileiros, desde as categorias iniciais, são submetidos a treinamentos diários – cinco vezes na semana – com carga horária muito semelhante entre as diferentes categorias analisadas (sub-15, sub-17 e sub-20). Não há uma progressão gradual da carga de trabalho ao longo das diferentes faixas etárias. Na Espanha, há um aumento médio de 33% na carga de trabalho corporal, com o acréscimo de um dia nas atividades de treinamento.

A carga de trabalho total (treinamentos, jogos, deslocamentos e escola) dos atletas da cidade do Rio de Janeiro é superior a observada nos atletas de Castilla y León. Os dados sugerem uma inversão de prioridades, pelo menos do ponto de vista do investimento de tempo, quando analisamos os dois contextos. Os jovens brasileiros treinam semanalmente mais que o dobro de tempo quando comparado a jovens da mesma faixa etária na Espanha. Os dados não nos permitem identificar o impacto dessa inversão de prioridades no processo de escolarização dos jovens, porém algumas questões podem ser formuladas: 1- No Brasil, os treinamentos no futebol influenciam na escolha do turno escolar dos jovens? 2- Qual o impacto dessa escolha na continuidade do processo de escolarização dos jovens? 3- A rotina de treinamentos diários, sem tempo adequado para descanso, atividades de lazer e estudos, tem impacto no processo de formação escolar dos jovens no Brasil?

Referências

ALVES, F. **Qualidade na Educação fundamental pública nas capitais brasileiras: tendências, contextos e desafios**. Belo Horizonte: Argvmentvm. 2009

BENT, I. *et al.* **Blowing the Whistle**. Londres: BBC Books. 2001.



CARVALHO, J. M. **Contributo para a formação de jogadores de futebol: Estudo em clubes da Associação de futebol do Porto da 1ª e 2ª ligas de futebol profissional** (Dissertação). Faculdade de Ciências do desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2002.

CORROCHANO, M. C. & NAKANO, M. **Jovens, mundo do trabalho e escola. Juventude e Escolarização (1980-1998)**. Brasília, v. 7, p. 95-122, 2002.

DABSCHECK, B. The globe at their feet: FIFA's new employment rules – II. In: **Sport in Society**. Oxfordshire: Taylor & Francis. v. 9, p. 1- 18, 2006.

DAMO, A. **Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Porto Alegre, 434p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

DAMO, A. **Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo e Rothchild. 2007.

IBGE. **Síntese de indicadores: uma análise das condições de vida da população brasileira**. 2009.

MAGEE, J.; SUGDEN J. "The World at their feet": Professional Football and International Labor Migration. **Journal of Sport and Social Issues**. 26, 421, 2002.

MCGILLIVRAY, D. e A. MCINTOSH. Football is my life: Theorizing social practice in the scottish professional football field. **Sport in Society**, v.9, n.3, p.371-387. 2006.

SOARES, A. J. G. et al. Mercado do futebol, juventude e escola. **Juventude.br** (Centro de Estudos e Memória da Juventude), v. 8, p. 36-39, 2009.

SOUZA, C. A. et al. Dificil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, v. 2, p. 22-34, 2008.. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832008000200004&lng=en&nrm=iso> . Acesso em: 05 Mar. 2009. doi: 10.1590/S0104-71832008000200004.

Endereço:

Rua Viúva Lacerda 128/ apt 102. Humaitá. Rio de Janeiro. RJ

CEP: 22261-050

Tiago Lisboa Bartholo

tiagobartholo@gmail.com



Recursos tecnológicos para apresentação oral: Data Show

Tiago Lisboa Bartholo – UFRJ/ Fundación Carolina
José Maria Yagüe Cabezón – Universidad de León
Leonardo Bernardes Silva de Melo – UGF
Antonio Jorge Gonçalves Soares – UFRJ/ CNPq